

FOLHA DE S.PAULO

Risco de Temer salvar aliados preocupa, diz banqueiro

Danilo Verpa - 21.set.2015/Folhapress



Ricardo Lacerda, presidente do banco BR Partners, em São Paulo

JOANA CUNHA
DE SÃO PAULO

11/02/2017 02h00

As recentes reviravoltas no governo do presidente Michel Temer para indicar Alexandre de Moraes ao STF, nomear Moreira Franco ministro da Secretaria-Geral e emplacar Edison Lobão na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado alertaram o mercado, segundo um dos principais assessores financeiros do país.

Ricardo Lacerda, fundador e presidente do banco de investimento BR Partners, diz que "há um temor de que o governo use seu capital político para livrar a cara de aliados em vez de aprovar reformas".

E prevê risco de novas manifestações. "Muitos dos que foram às ruas lutar contra a corrupção estão perplexos com essas nomeações."

*

Folha - A economia entra numa nova etapa, mas ainda há incertezas políticas. O que prevê?**Ricardo Lacerda** - A economia se estabilizou e começa lentamente a mostrar

recuperação. A reconquista da credibilidade na política monetária do Banco Central permitirá uma forte redução nos juros ao longo de 2017. A confiança dos empresários e consumidores vai aumentar e isso trará de volta o crescimento. Não acho que a economia vai bombar a ponto de salvar a política do buraco, mas as coisas estão no caminho certo.

A Lava Jato mudou o jeito de fazer negócio? Como ela influencia a visão do investidor?

Ela acabou com a percepção de completa impunidade que sempre existiu no país. Expôs a bandalheira de empresários próximos do poder com políticos corruptos e mandou vários deles pra cadeia. Antes da Lava Jato bastava ser rico pra ter status. Agora a sociedade cobra atitude ética dos empresários. Mas, pra mudar de fato a forma de fazer negócio no Brasil, é preciso reduzir o tamanho do Estado, em duas frentes: um programa agressivo de privatização de estatais e um plano para reduzir a burocracia e o controle do Estado sobre a iniciativa privada. Só isso pode reduzir corrupção e atrair investimento.

Como avalia o governo hoje?

Esse governo acertou na equipe econômica e tem grande capacidade de articulação política no Congresso. São vantagens sobre o anterior. Mas há limitações para um governo de transição, sem apoio popular, obrigado a lotear cargos e refém de políticos suspeitos.

Como avalia ajuste fiscal?

A atual equipe econômica tem as melhores cabeças para definir o ajuste que o país precisa. A aprovação da PEC do Teto foi importantíssima e mudou a percepção da solvência do Estado. O próximo desafio é a reforma da Previdência. A dúvida é o que efetivamente sairá daquilo que está tramitando no Congresso. Esse governo não tem uma agenda absolutamente transparente, mas com vitórias tão contundentes nas presidências da Câmara e Senado, cresceu seu cacife para aprovar reformas. Diante da dificuldade em gerar superavit fiscais no atual quadro econômico, a reforma da Previdência é crucial.

Quando vamos resgatar protagonismo e confiança?

Houve enorme decepção com o último ciclo de investimentos. Primeiro, porque o crescimento não veio. Segundo, porque o governo Dilma tinha mentalidade contrária à iniciativa privada. Terceiro, porque com a crise econômica veio a política, que escancarou a fragilidade das instituições, esfrangalhadas pelo apagão moral que acometeu Brasília. Destruuiu-se muita riqueza no Brasil nos últimos cinco anos. Investidor machucado demorará a voltar. Mas somos uma grande economia, daremos a volta por cima.

Como a indicação de Alexandre Moraes ao STF, Edison Lobão na CCJ e o ministério de Moreira Franco comprometem a confiança do mercado?

Há um temor que o governo use seu capital político para livrar a cara de aliados em vez de aprovar reformas. Há também o risco de voltarmos a ver manifestações. Muitos dos que foram às ruas lutar contra a corrupção estão perplexos com essas nomeações.

Como está o apetite dos investidores estrangeiros por empresas brasileiras?

O apetite continua alto, mas há muita cautela ao negociar. Após muitos anos, estamos ouvindo novamente investidores mencionando preocupação com o cenário político ou econômico na hora de comprar ativos no país. Vi alguns até desistindo de olhar oportunidades em razão disso. Mas creio que tudo se normalize com a iminente retomada do crescimento.

O sr. acredita na retomada dos IPOs? Os investidores estão dispostos a pagar bem?

Acho que veremos alguns IPOs neste ano. Ninguém comprará Brasil sem fazer a lição de casa, sem olhar retornos. O ciclo será de mais cautela do que o de 2004 a 2007 ou o de 2009 a 2013.

O que espera das concessões?

Exceto pelos aeroportos, em que parece haver grande interesse, creio que teremos dificuldades. O governo precisa criar um modelo de concessões com o intuito de atrair capital privado, principalmente o estrangeiro. Quando o investidor olha o Brasil, vê tudo

confuso, burocrático. Parece que estamos fazendo favor de deixar o investidor colocar seu dinheiro aqui.

*

RAIO-X
RICARDO LACERDA

IDADE
48 anos

CARREIRA
Sócio-fundador do banco de investimento BR Partners, ex-presidente do Goldman Sachs no Brasil e do Citigroup na América Latina

FORMAÇÃO
mestre em finanças pela Universidade Columbia (EUA)

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1857810-risco-de-temer-salvar-aliados-preocupa-diz-banqueiro.shtml>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.